

EDUCAÇÃO LITERÁRIA ABERTA NA CULTURA DIGITAL: POTENCIALIDADES DE RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS PARA PRÁTICAS DE LETRAMENTOS LITERÁRIOS

Ivanda Maria Martins Silva¹

Maria Kaline de Lima Pedroza²

Eduardo Ferreira da Silva³

RESUMO

Com a expansão da inteligência coletiva (LÉVY, 1999), a Educação Aberta vem se expandindo, por meio de práticas pedagógicas inovadoras; acesso aberto a materiais educacionais; autonomia do/a estudante; aprendizagem ubíqua; usos de Recursos Educacionais Abertos (REA). Vivemos a cultura livre, caracterizada por letramentos digitais do remix, e buscamos compartilhar, transformar e editar materiais, obras e recursos (LESSIG, 2004). Neste cenário, os REA podem apoiar a Educação Literária Aberta, integrada às práticas de letramentos literários e digitais, com base na compreensão da literatura como: fenômeno artístico/estético em suas dimensões políticas, históricas, culturais, psicológicas e sociais; produção estética aberta/flexível, pluridiscursiva, cronotópica, polifônica e dialógica (BAKHTIN, 2018); construção simbólica no campo literário (BOURDIEU, 2015) em seu potencial humanizador como direito humano (CANDIDO, 1995). Para dinamizar a educação literária, os REA podem ser inseridos em planejamentos didáticos e no desenvolvimento de metodologias ativas ancoradas nas demandas da cultura digital. Como

1 Doutora em Letras (UFPE), Professora Associada da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE/PROGEL/PPGTGEG- UAEADTec, ivanda.martins@ufrpe.br

2 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PROGEL) da Universidade Federal Rural de Pernambuco-UFRPE/UAEADTec, kalinelima36@gmail.com

3 Licenciado em Letras pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE/UAEADTec, pós-graduando em Literatura Brasileira – Focus, eduardoferreira092@gmail.com

objetivo geral, propomos investigar o papel da educação literária em tempos de inovações tecnológicas, tendo em vista as potencialidades dos REA no repensar de estratégias metodológicas para motivar práticas de letramentos literários. Quanto ao aporte teórico, a investigação tem como base as abordagens que discutem ensino da literatura, educação literária e letramentos literários - Cosson (2009, 2020); Silva (2003, 2005, 2014); Dalvi, Rezende, Jover-Faleiros (2006); Rouxel (1996, 2013); além de estudos sobre letramentos digitais, Educação Aberta e REA - Coscarelli (2016); Buzato (2007); Amiel, Gonsales e Sabrian (2020); Santana; Rossini; Pretto (2012). As articulações entre ensino de literatura, letramentos literários e REA podem ser relevantes em propostas direcionadas para uma Educação Literária Aberta, visando ao desenvolvimento de práticas de letramentos literários em sintonia com a cultura do remix, contexto em que as tecnologias digitais e os novos suportes influenciam as relações entre jovens leitores e a literatura.

Palavras-chave: Ensino de Literatura, Letramentos Literários, Recursos Educacionais Abertos- REA, Educação Literária Aberta, Cultura Digital.

INTRODUÇÃO

Em tempos de cibercultura (LÉVY, 1999) e cultura livre (LESSIG, 2004), os modelos educacionais são revisitados e diversas reflexões surgem para ampliar o debate sobre a educação em face das inovações tecnológicas e pedagógicas. As metodologias tradicionais, a ênfase na simples transmissão de conteúdos, os formatos e modelos de aulas pouco flexíveis, fechados e rígidos já não conseguem atrair os jovens estudantes imersos no dinamismo da cibercultura.

Dos espaços físicos e limitados das salas de aulas, vamos redimensionando nossos percursos de aprendizagem em movimentos dinâmicos no turbilhão digital do ciberespaço, com experiências de aprendizagens (cri)ativas, colaborativas, imersivas, personalizadas e ubíquas. A integração entre espaços educativos formais e não formais torna-se importante no cenário da cibercultura, compreendendo-se a cultura digital como “novo” paradigma para repensarmos a educação na sociedade em rede.

Na perspectiva de Lévy:

A grande questão da cibercultura, tanto no plano de redução dos custos como no do acesso de todos à educação, não é tanto a passagem do “presencial” à “distância”, nem do escrito e do oral tradicionais à “multimídia”. É a transição de uma educação e uma formação estritamente institucionalizadas (a escola, a universidade) para uma situação de troca generalizada dos saberes, o ensino da sociedade por ela mesma, de reconhecimento autogerenciado, móvel e contextual das competências (LÉVY, 1999, p.172).

Sem dúvida, o caráter móvel, ubíquo e personalizado dos percursos de aprendizagem transforma as relações dos sujeitos com os objetos do conhecimento. Na cultura digital, aprendemos a aprender a cada instante, a um clique do *mouse*, percorrendo os caminhos e descaminhos do turbilhão digital do ciberespaço. Ainda, considerando o pensamento do filósofo Lévy (1999), é importante entender que o ciberespaço envolve o movimento das tecnologias intelectuais e digitais que “amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas: memória (banco de dados, hiperdocumentos, arquivos digitais de todos os tipos), imaginação (simulações), percepção (sensores digitais, telepresença, realidades virtuais), raciocínios (inteligência artificial, modelização de fenômenos complexos)” (LÉVY, 1999, p. 157).

As tecnologias intelectuais, no campo da expansão do ciberespaço, inauguram novas possibilidades para a ampliação da inteligência coletiva, tendo em

vista as novas formas de acesso à informação e os novos estilos de raciocínio e de conhecimento. Neste cenário, a inteligência coletiva caracteriza-se pelas novas formas de pensamento diante das potencialidades das conexões sociais que se tornam viáveis pela utilização das redes abertas de computação da internet (LÉVY, 1999).

Com as potencialidades da ampliação da inteligência coletiva, sentimos a necessidade de compartilhar e divulgar informações, interagir nas redes sociais, trocar mensagens e construir percursos colaborativos de aprendizagens neste cenário dinâmico das tecnologias intelectuais, como bem coloca Lévy (1999). Essas ações surgem, também, em conexão com as características da cultura livre (LESSIG, 2004), ou seja, um novo conceito de cultura nascido com a era digital. Esse conceito de cultura, conforme aponta Lessig (2004), prega que todo conhecimento deve ser livre, de forma a possibilitar seu compartilhamento, distribuição, cópia e uso sem que isso afete a propriedade intelectual subjacente aos bens culturais. Lessig (2004) recoloca a ideia de liberdade como condição fundamental para o desenvolvimento tecnológico cultural.

É neste cenário de abertura, propiciado pela ideia de cultura livre, que são ampliadas as reflexões teórico-metodológicas sobre a Educação Aberta – EA. Esta pode ser entendida como um movimento que busca a integração entre os atores educacionais sobre o compartilhamento de ideias que favoreçam o acesso à informação e ao conhecimento de maneira livre, buscando tornar o processo educacional mais democrático para a sociedade, sobretudo, quando a geração desse conhecimento recebe aporte financeiro da administração pública (AMIÉL; GONSALES; SABRIAM, 2020).

A Educação Aberta ganhou força em distintos setores da sociedade com a expansão das tecnologias digitais, intensificando a necessidade de: propiciar acesso aberto ao conhecimento para todas as pessoas; inovar práticas pedagógicas; incorporar a cultura do compartilhamento, a cultura livre do remix.

Conforme Santos (2012), o conceito de Educação Aberta precisa considerar a ideia de uma educação centrada na autonomia dos estudantes em face do cenário dinâmico da cibercultura, promovendo-se modelos disruptivos de abertura para processos de ensino e aprendizagem mais dinâmicos e flexíveis.

O projeto Iniciativa Educação Aberta no Brasil, realizado em parceria entre o Instituto Educadigital e a Cátedra UNESCO de Educação Aberta da Unicamp, elencou cinco características que envolvem a Educação Aberta: 1) práticas pedagógicas inovadoras e diversificadas; 2) acesso aberto a materiais educacionais; 3) autonomia do estudante por meio da ubiquidade na aprendizagem; 4) usos de recursos/materiais educacionais abertos em ambientes

on-line abertos, permitindo adaptações, reconfigurações, remix; 5) utilização de Recursos Educacionais Abertos – REA (SANTOS, 2012).

O movimento para uma Educação Aberta é uma tentativa de buscar alternativas sustentáveis para algumas das barreiras evidentes no que tange ao direito a uma educação de qualidade. Nessa perspectiva, o conceito de “abertura” não é necessariamente dependente de desenvolvimentos tecnológicos, e antecede a popularização de dispositivos digitais, da internet e da *web*, mas pode ser fortalecida por novas mídias. A EA deve ser compreendida na estreita relação entre educação, política e tecnologia, considerando os direitos digitais para “acesso à informação, à cultura e ao conhecimento para todas as pessoas, reforçando a liberdade de expressão e a privacidade e proteção de dados” (AMIÉL, GONSALES, SEBRIAM, 2020, p. 43).

Propomos articular a noção de Educação Aberta aos eixos de letramentos literários (COSSON, 2020) e letramentos digitais (BUZATO, 2001; COSCARELLI, 2016; BARTON e LEE, 2015), em diálogo com as demandas de aprendizagem aberta e ubíqua na cibercultura. Neste sentido, defendemos a proposta inovadora de “Educação Literária Aberta - ELA” integrada às práticas de letramentos literários e digitais, com base na compreensão da literatura como: 1) fenômeno artístico/estético em suas dimensões políticas, históricas, culturais, psicológicas e sociais; 2) produção estética aberta/flexível, pluridiscursiva, cronotópica, polifônica e dialógica (BAKHTIN, 1993, 2018); 3) processo de intercomunicação entre autor-obra-leitor; 4) construção simbólica no campo literário (BOURDIEU, 2015) em seu potencial humanizador como direito humano (CANDIDO, 1995).

A Educação Literária Aberta revela-se com a expansão do ciberespaço e da inteligência coletiva (LÉVY, 1999), visto que as práticas de letramentos literários e letramentos digitais são redimensionadas em função da revolução digital. Conforme Chartier (2002), são observadas três revoluções quanto às transformações ocasionadas pelo texto digital: 1) revolução da modalidade técnica da produção do escrito; 2) revolução da percepção das entidades textuais; e 3) revolução das estruturas e das formas mais fundamentais dos suportes da cultura escrita (CHARTIER, 2002, p. 24).

Com as tecnologias digitais e a expansão do ciberespaço, abrem-se novos cenários de leitura e escrita que expandem o conceito de literatura para o fenômeno da ciberliteratura (SANTAELLA, 2012). A ciberliteratura configura-se por meio da literatura hipertextual e de cibertextos que incluem textos literários de estrutura mais complexa, os quais mesclam conexões híbridas entre múltiplas linguagens e diversos campos semióticos (SANTAELLA, 2012). As práticas de letramentos literários/digitais transformam-se e inauguram novas

possibilidades, tendo em vista formas contemporâneas de criação literária, a exemplo dos gêneros literários emergentes (fanfics, videopoemas, nanocontos, hipercontos, fotopoemas, e outros).

O presente estudo tem como objetivo geral investigar o papel da educação literária em tempos de inovações tecnológicas, tendo em vista as potencialidades dos REA no repensar de estratégias metodológicas para motivar práticas de letramentos literários. Quanto ao aporte teórico, a investigação tem como base as abordagens que discutem ensino da literatura, educação literária e letramentos literários - Cosson (2009, 2020); Silva (2003, 2005, 2014); Dalvi, Rezende, Jover-Faleiros (2006); Rouxel (1996, 2013); além de estudos sobre letramentos digitais, Educação Aberta e REA - Coscarelli e Ribeiro (2005); Buzato (2007); Amiel, Gonsales e Sabrian (2020); Santana; Rossini; Pretto (2012).

As articulações entre ensino de literatura, letramentos literários e REA podem ser relevantes em propostas direcionadas para uma Educação Literária Aberta, visando ao desenvolvimento de práticas de letramentos literários em sintonia com a cultura livre do remix, contexto em que as tecnologias digitais e os novos suportes influenciam as relações entre jovens leitores e a literatura.

REFERENCIAL TEÓRICO

(CIBER)LITERATURA E EDUCAÇÃO LITERÁRIA ABERTA - ELA NA CULTURA DIGITAL

A educação literária precisa dialogar com o dinamismo da cultura digital, no sentido de repensarmos concepções sobre literatura e relações entre autores-obras-leitores. Com o advento das mídias digitais, a configuração da literatura sofreu um salto qualitativo em todos os seus aspectos, tendo em vista as potencialidades das redes abertas e dos meios digitais. No ciberespaço, abre-se uma diversidade de oportunidades que expandem o conceito de literatura em função da emergência de novas formas de criação literária (SANTAELLA, 2012).

Segundo Viires (2006), é importante considerar o termo ciberliteratura como um guarda-chuva para designar pelo menos três ramos de produção literária na cibercultura, tais como: 1) todos os textos literários disponíveis na internet, divulgados em *sites* e *blogs* de escritores profissionais, em antologias digitais e em revistas literárias *on-line*; 2) textos literários não profissionais disponíveis na internet, tendo em vista espaços independentes de publicação, por meio de sites de escritores amadores, portais de grupos de jovens autores

ainda não reconhecidos pela crítica, exemplos de literatura em meios digitais (ficção fanzine, fanfics, textos baseados em games e narrativas coletivas *on-line*); 3) literatura hipertextual e cibertextos que incluem textos literários de estruturas mais complexas, explorando várias soluções possíveis de hipertextos e cibertextos multimídia que fazem a literatura misturar-se com artes visuais, vídeo e música.

A noção de ciberliteratura redimensiona a própria compreensão da literatura como “fenômeno complexo, multifacetado, dialógico, polifônico e cronotópico” (BAKHTIN, 2018) em contínua interação com as transformações socioculturais e históricas. A expansão do ciberespaço reconfigura a gênese do campo literário (BOURDIEU, 2015), considerando-se a ideia de que o entendimento da criação artística só é possível por meio do mapeamento das mediações interpostas entre obra e público, agora transformadas pelas mídias digitais.

Nas reflexões sobre o campo literário em diálogo com a cultura livre, é preciso considerar a literatura como um direito humano que transforma as relações entre autores, obras e leitores. Na ótica de Candido (2006), a arte literária é um sistema simbólico de interação que envolve os três elementos fundamentais da comunicação artística – autor, obra, público (CANDIDO, 2006). Nesse sentido, só podemos entender a obra literária fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra (CANDIDO, 2006).

Quando pensamos em uma proposta de Educação Literária Aberta - ELA, precisamos considerar uma concepção multidimensional da literatura, como fenômeno interdisciplinar (BARTHES, 1980), dialogicamente integrado às práticas socioculturais. Além disso, o potencial humanizador da literatura como direito humano (CANDIDO, 1995) também precisa ser valorizado. Na ótica de Candido (1995), a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Conforme o autor, “não há povo e não há homem que possa viver sem a literatura, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação” (CANDIDO, 1995).

Nesse sentido, a função da literatura está atrelada à complexidade de sua natureza, bem como ao seu caráter humanizador, ao seu papel nos processos de transfiguração da realidade e (re)invenção de realidades possíveis nos universos ficcionais. É justamente essa visão ampla da literatura que precisa ser mais valorizada na escola, no sentido de propiciar a construção de relações mais significativas dos jovens leitores com as obras literárias, reconhecendo-se o valor não apenas estético/linguístico da literatura, mas, sobretudo, o potencial transformador da leitura literária como ato político, simbólico, ideológico, histórico sociocultural.

É importante compreender a literatura na dinâmica dialógica entre o mundo representante (empírico) e as representações miméticas do mundo representado (ficcional) – (BAKHTIN, 1993), visto que a obra literária inaugura mundos possíveis, repletos de ditos e não ditos a serem atualizados pelo leitor. Como diria Bakhtin (2015), a linguagem literária “reflete e refrata a realidade”, revelando potencialidades dialógicas, polifônicas e plurilíngues representadas no universo ficcional. A leitura literária tem papel significativo na formação dos jovens leitores, tendo em vista as dimensões políticas, históricas, psicológicas, culturais e outras que transitam nas conexões entre autores, obras literárias e leitores.

Como agência importante nas práticas de letramentos literários, a escola precisa acompanhar a evolução dos estudos literários, no sentido de desenvolver estratégias metodológicas em sintonia com as demandas atuais relativas à Educação Literária na cultura digital. Defendemos que uma proposta de Educação Literária Aberta está integrada a alguns princípios fundamentais, tais como:

- Compreensão da literatura como fenômeno artístico-literário multifacetado, polifônico, dialógico e cronotópico (BAKHTIN, 1993).
- Relações dinâmicas entre autores, obras e leitores no campo literário, reconhecendo-se a literatura no processo de intercomunicação e como direito humano (CANDIDO, 1995).
- Articulações entre experiências e práticas inovadoras quanto a letramentos literários e digitais.
- Propõe-se a noção de “letramentos literários digitais” como novo paradigma, unindo-se os campos de linguagem literária e linguagem digital nos processos de apropriações literárias e tecnológicas, considerando-se a integração entre práticas e eventos de letramentos.
- Práticas pedagógicas inovadoras para educação literária, com foco em metodologias ativas, tais como: gamificação, aprendizagem baseada em projetos, sala de aula invertida, aprendizagem entre times, laboratório rotacional, *design thinking*, e outras.
- Criação de expressões literárias, com foco na autoria criativa e na aprendizagem ativa de estudantes.
- Compartilhamento de Recursos Educacionais Abertos- REA no campo literário para disseminar a cultura literária no ciberespaço.
- Valorização de gêneros literários emergentes e de expressões da ciberliteratura.

- Integração entre experiências com Educação Literária em espaços escolares e não escolares, propiciando articulações entre educação formal e não formal.

Esses são apenas alguns princípios que podem apoiar os professores quanto a reflexões sobre propostas didáticas para construir a cultura da Educação Literária Aberta e valorizar a criação de experiências estéticas dos jovens leitores em contato com a literatura. De acordo com Silva (2019), propomos, neste processo, articulações entre três eixos importantes: 1) valorização de histórias/experiências de leituras literárias e práticas de letramentos literários digitais dos professores; 2) valorização de histórias/experiências de leituras literárias e práticas de letramentos literários digitais dos estudantes; 3) ação docente em mediações e compartilhamentos de histórias/experiências de leituras literárias e práticas de letramentos literários digitais na formação de “comunidades interpretativas” (FISH, 1986).

A Educação Literária Aberta é uma oportunidade de valorização da cultura livre do remix e dos compartilhamentos, visando à construção de experiências estéticas criativas de autoria no campo artístico-literário. A constituição de comunidades interpretativas, em articulação com a expansão da inteligência coletiva na cibercultura, pode ser uma alternativa interessante nesse cenário da cultura digital, no sentido de promover compartilhamentos de experiências nas esferas de letramentos literários e digitais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Repensar a educação literária em tempos de cultura digital é urgente. Educadores e educandos estão redimensionando seus papéis e os processos de ensino e aprendizagem já não são os mesmos configurados em formatos analógicos e tradicionais. Neste trabalho, propomos ampliar o debate sobre a educação literária, buscando estabelecer conexões com o movimento da Educação Aberta, tendo em vista as potencialidades dos Recursos Educacionais Abertos

Nos caminhos flexíveis da Educação Aberta, os Recursos Educacionais Abertos - REA representam as possibilidades concretas que temos em atuar no cenário da EA, ou seja, não apenas consumir um dado material disponibilizado, mas também contribuir como autor/a para a expansão da Educação Aberta. Podemos compreender os REA, na ótica proposta pela UNESCO (2015), como materiais de ensino, aprendizado, e pesquisa em qualquer suporte ou mídia, que estão sob domínio público, ou estão licenciados de maneira aberta, permitindo que sejam utilizados ou adaptados por terceiros.

O uso de formatos técnicos abertos facilita o acesso e o reuso potencial dos recursos publicados digitalmente. Os REA podem incluir cursos completos, partes de cursos, módulos, livros didáticos, artigos de pesquisa, vídeos, testes, *softwares*, e qualquer outra ferramenta, material ou técnica que possa apoiar o acesso ao conhecimento.

Em diálogo com o movimento da Educação Aberta, precisamos continuar refletindo sobre a literatura como fenômeno multifacetado, dialógico, polifônico, cronotópico, na esteira do pensamento bakhtiniano. É fundamental pensarmos em planejamentos didáticos, abertos, flexíveis, com foco em práticas significativas e criativas de letramentos literários digitais, visando ao envolvimento dos estudantes em seus próprios percursos de aprendizagens, cada vez mais com foco na criatividade, na autoria, em experiências flexíveis e imersivas com apoio de tecnologias digitais.

Certamente, o futuro da educação literária não está nas tecnologias aplicadas às práticas de letramentos literários, mas, sobretudo, estará evidenciado nas relações sociais/discursivas dos sujeitos, na expansão da inteligência coletiva, nas aprendizagens colaborativas, nas redes de interação, na afetividade, na abertura/flexibilidade/hipertextualidade, nas relações dialógicas entre discentes e docentes, na pedagogia do encontro, na pedagogia do diálogo, na pedagogia da autonomia e na certeza da inconclusão como processo histórico (FREIRE, 2002).

REFERÊNCIAS

AMIEL, T.; GONSALES, P.; SEBRIAM, D. (2020). A educação aberta no Brasil: dos recursos à promoção de direitos digitais. In: MALLMANN, E. M. *et al* (Orgs.). **REA: teoria e prática**. São Paulo: Pimenta Cultural.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1993.

_____. **Teoria do romance I: a estilística**. São Paulo: Editora 34, 2015.

_____. **Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo**. São Paulo: Editora 34, 2018.

BARTHES, R. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1980.

BARTON, D.; LEE, C. **Linguagem online**: textos e práticas digitais. São Paulo: Parábola, 2015.

BOURDIEU, P. **Escritos da Educação**. Petrópolis: Vozes, 2015.

BUZATO, M. E. K. Sobre a necessidade de letramento eletrônico na formação de professores: o caso Teresa.” In: CABRAL, L.G, SOUZA, P., LOPES, R. E.V. & PAGOTTO, E.G (Orgs.). **Linguística e ensino**: novas tecnologias. Blumenau: Nova Letra: pp.229-267, 2001.

BUZATO, M. Desafios empírico-metodológicos para a pesquisa em letramentos digitais. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, 46(1): 45-62, jan./jun, 2007.

CAI, M.; TRAW, R. Literary Literacy. **Journal of Children’s Literatura**, v.23, n.2, pp. 20-33, 1997.

CANDIDO, A. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CHARTIER, R. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP, 1999.

_____. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

COSCARELLI, C. (Org.). **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola, 2016.

COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

_____. **Círculos de leitura e letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2019.

_____. **Paradigmas do ensino de literatura**. São Paulo: Contexto, 2020.

DALVI, M.; REZENDE, N.; JOVER-FALEIROS, R. (Orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, pp.17-33, 2013.

DUDENEY, G.; HOCKLY, N.; PEGRUN, M. **Letramentos digitais**. São Paulo: Parábola, 2016.

FISH, S. Literature in the reader: affective stylistics. *In*: TOMPKINS, J. (Ed.). **Reader-response criticism: from formalism to post-structuralism**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, pp.70-100, 1986.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ISER, W. A interação do texto com o leitor. *In*: COSTA LIMA, L. **A literatura e o leitor: textos da Estética da Recepção**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

_____. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. v.1. São Paulo: Ed. 34, 1996.

KAYAD, F. Teacher education: english language and literatura in a culturally and linguistically diverse environment. **Education Research and Perspectives**, v.42, pp. 286-328, 2015.

LESSIG, L. (2004). *Free culture: how big media uses technology and the law to lock down culture and control creativity*. Penguin Press.

LÉVY, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34.

PAULINO, G.; COSSON, R. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. *In*: ZILBERMAN, R.; ROSING, T. (Orgs.). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

PRENSKY, M. Digital natives, digital imigrantes. **On the horizon**, MCB. University Press, v. 9, n. 5, Oct. 2001.

ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos. *In*: ROJO, R.; MOURA, E. (Orgs.). **Multiletraentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SANTAELLA, L. A aprendizagem ubíqua na educação aberta. **Revista Tempos e Espaços em Educação**. Volume 7, Número 14 - setembro/dezembro, 2014.

_____. Para compreender a ciberliteratura. **Texto Digital**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 229-240, jul./dez, 2012.

SANTANA, B.; ROSSINI, C.; PRETTO, N. **Recursos educacionais abertos:** práticas colaborativas e políticas públicas. Salvador: Casa da Cultura Digital/EDUFBA, 2012. Disponível em: <<http://www.aberta.org.br/livrorea/livro/home.html>>. Acesso em 01 fev. 2017.

SANTOS, A. Educação aberta: histórico, práticas e o contexto dos recursos educacionais abertos. In: SANTANA, B.; ROSSINI, C.; PRETTO, N. **Recursos educacionais abertos:** práticas colaborativas e políticas públicas. Casa de Cultura Digital; Edufba, 2012.

SILVA, I. M. M. A literatura no Ensino Médio: quais os desafios do professor? In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. **Português no Ensino Médio e formação do professor.** São Paulo: Parábola, 2022.

SILVA, I. **Literatura em sala de aula:** da teoria à prática escolar. Recife: Programa de Pós-graduação em Letras da UFPE. Coleção Teses, 2005.

_____. Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar. **Anais do Evento PG Letras 30 Anos.** Vol. I (1): 514-527p., 2003. Disponível em: <https://pibidespanholuefs.files.wordpress.com/2015/07/texto-para-o-encontro-de-amanhc3a3.pdf> Acesso em: 07.09.2017.

_____. Literatura no ensino médio: conexões com orientações curriculares. **Olh@res**, Guarulhos, v. 5, n. 2, novembro 2017. 90-107p.

_____. Ensino de literatura: interfaces com a cultura digital. **Pensares em Revista.** São Gonçalo-RJ, n. 5, p. 62 – 82, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/pensaresemrevista/article/view/16550> Acesso em: 20 jun. 2018.

_____. Trilhas metodológicas para ensino de literatura. In: BARBUIO, E. *et al.* **Estudos da linguagem em perspectiva:** pesquisas em Linguística e Literatura. Recife: EDUFRPE, 2019.

VIIRES Piret. Literature in cyberspace. **Estonian Science Foundation grant**, n. 5965 2004-2006. p. 153-174. Disponível em: <http://www.folklore.ee/Folklore/vol29/cyberlit.pdf> . Acesso em: 12 jul. 2011.

ROUXEL, A. **Enseigner la lecture littéraire.** Rennes: Presses Universitaires, 1996.

_____. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. In: DALVI, M.; REZENDE, N.; JOVER-FALEIROS, R. (Orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, pp.17-33, 2013.

UNESCO. **Forum on the impact of open courseware for higher education in developing countries**, 2002. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001285/128515e.pdf> Acesso em: 03 fev 2017.

UNESCO & Commonwealth of Learning. **Guidelines for Open Educational Resources (OER) in higher education**, 2015. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002136/213605e.pdf> Acesso em: 09 fev 2017.